

# **Teologia Prática, Linguagem, Comunicação e Homilética: A Viva Vox Evangelii na Pregação**

## **Practical Theology, Language, Communication and Homiletics: The Viva Vox Evangelii in the Preaching**

*Éder Beling<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Esse artigo parte da compreensão que os discípulos diretos de Jesus tiveram dificuldade em responder quem Jesus era. A partir da pergunta dirigida por ele aos discípulos: “E vós, quem dizeis que Eu sou?” (Mc 8.29; Mt 16.15; Lc 9.20). Por isso, quer-se refletir sobre ideias e conceitos que tomam por base o trabalho desenvolvido pelo pesquisador Mikhail Bakhtin, desde a literatura, a filosofia da linguagem, a linguística e a comunicação e seus desdobramentos nos fenômenos ligados ao discurso, ou seja, ao uso da linguagem a partir dos romances literários. Do ponto de vista teológico quer-se relacionar alguns conceitos bakhtinianos e usá-los na pesquisa sobre a homilética, abordando a relação entre linguagem, comunicação, teologia prática e homilética e alguns elementos importantes da pesquisa oriunda das concepções bakhtinianas. Isso se dará através de um levantamento bibliográfico sobre a situação da teologia prática e da linguagem a partir do discurso da prédica, enquanto evento comunicativo da Igreja. O que se quer compreender é a relevância dos estudos linguísticos de Bakhtin no âmbito da teologia prática e alguns de seus desdobramentos dentro do campo da homilética, para, assim, evidenciar e apreender que as diferentes vozes que compõem a sinfonia homilética, transformam a prédica em viva voz e comunicação do Evangelho.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Faculdades EST. Pesquisador independente. Integrante do Grupo de Pesquisa REGEVI.

**PALAVRAS-CHAVE**

Teologia Prática; Linguagem; Comunicação; Homilética; Bakhtin; Prédica.

**ABSTRACT**

This article is built on the understanding that Jesus' direct disciples had difficulty to answer who Jesus was. From the question addressed by him to the disciples: "And you, who do you say that I am?" (Mk 8.29; Mt 16.15; Lk 9.20). Therefore, we want to reflect on ideas and concepts that are based on the work developed by Mikhail Bakhtin, from literature, philosophy of language, linguistics, and communication and its consequences in phenomena related to discourse, that is, the use of language in literary novels. From a theological point of view, we want to relate some Bakhtinian concepts and use them in the homiletics field, addressing the relationship between language, communication, practical theology, homiletic and some important elements of the research from the Bakhtinian conceptions. This will be done through a bibliographical survey about practical theology and language from the preaching, as a communicative event of the Church. What we want to understand is the relevance of Bakhtin's linguistic studies in the context of practical theology and some of its developments within the field of homiletics, to show and understand that the different voices that make up the homiletic symphony, transform the preaching into a living voice and communication of the Gospel.

**KEYWORDS**

Practical Theology; Language; Communication; Homiletics; Bakhtin; Preaching.

Independientemente de practicarmos ou não o que pregamos, existe uma conexão intrínseca entre dizer a verdade e a igreja, e isso certamente não é óbvio.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> WESTHELLE, Vítor. *O evento igreja: chamado e desafio a uma igreja protestante*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2017. p. 185.

Se a igreja acontece quando o enunciado da verdade se torna evento libertador, é necessário prestar atenção ao momento em que a verdade é dita.<sup>3</sup>

It is, moreover, unfortunately true that Christian proclamation has largely become a ghetto language. Seen superficially, to be sure, it has not by any means been driven out of public life; but in actual fact it has assumed the character of a group language for private use.<sup>4</sup>

### Considerações iniciais

Se responder à questão que Jesus levantou aos discípulos pareceu ser complicado para eles, imagine para nós hoje. Neste artigo, buscaremos trazer a partir da teoria bakhtiniana e seus aportes à linguagem, algumas pistas que ajudem a responder à pergunta que Jesus dirige aos discípulos: “E vós, quem dizeis que Eu sou?” (Mc 8.29; Mt 16.15; Lc 9.20).

As reflexões neste artigo tomam por base o trabalho desenvolvido pelo pesquisador Mikhail Bakhtin que desde o ponto de vista da literatura, da filosofia da linguagem, da linguística e da comunicação estudou fenômenos ligados ao discurso, ou seja, ao uso da linguagem a partir dos romances literários. Seu estudo foi posteriormente utilizado também por teólogos e teólogas que desenvolveram pesquisas correlacionando o campo da linguagem com a teologia, seja ela bíblica, sistemática ou prática. Como no caso de Carol Newsom, no seu artigo *Bakhtin, the Bible and Dialogic True*;<sup>5</sup> na coletânea de estudos bíblicos de Roland Boer, *Bakhtin and Genre Theory in Biblical Studies*;<sup>6</sup> e de Barbara Green, *Mikhail Bakhtin and Biblical Scholarship: an introduction*.<sup>7</sup>

<sup>3</sup> WESTHELLE, 2017, p. 200.

<sup>4</sup> EBELING, Gerhard. *God and word*. Philadelphia: Fortress Press, 1967. p. 34.

<sup>5</sup> NEWSOM, Carol A. Bakhtin, the Bible and Dialogic True. *The Journal of Religion*, Chicago, v. 76, n. 2, p. 290-306, 1996. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1204410>. Acesso em: 07 jan. 2019.

<sup>6</sup> BOER, Roland (Ed.). *Bakhtin and genre theory in biblical studies*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

<sup>7</sup> GREEN, Barbara. *Mikhail Bakhtin and biblical scholarship: an introduction*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2000.

Tomando por base o artigo de Carol Newsom ela nos apresenta um quadro interessante. Ela inicia o artigo relatando uma entrevista de emprego para docente de Bíblia. Vários pesquisadores e pesquisadoras foram entrevistado/as. Em uma das entrevistas, um teólogo sistemático questionou um teólogo bíblico sobre qual seria o “centro do AT”. A resposta foi que não havia um centro único. O sistemático insistiu e perguntou se “Deus” poderia ser o centro. O bíblico respondeu que nem mesmo o conceito de Deus pode ser tido como o centro unificador ou como o ponto central do AT. O sistemático claramente se indignou, pois para ele, desde um ponto de vista dogmático e sistêmico, como a própria disciplina teológica leva no nome, deve haver um centro ou algum tema que se possa chamar de central. O teólogo bíblico assumiu em sua posição que há uma unidade na Bíblia, mas que essa unidade pode ser compreendida desde um ponto de vista da diversidade que a Bíblia apresenta, ou seja, não se trata de uma verdade única (monológica), mas antes de uma verdade dialógica e polifônica. O diálogo e a polifonia se apresentam, neste contexto, como sendo uma forma de compreender e estudar a Bíblia, e que isso implicaria entendê-la como um grande diálogo de vozes sobre a revelação de Deus. Nesse sentido, a Bíblia se apresentaria como um grande discurso, ao mesmo tempo em que é fonte para novos discursos e diálogos, que cria e recria uma linguagem em diferentes contextos, influencia e é influenciada, ou seja, dialoga com vários contextos diferentes do seu lugar original.<sup>8</sup>

Neste artigo queremos nos concentrar em alguns temas que são importantes para a pesquisa sobre homilética. Abordaremos a relação entre linguagem, comunicação, teologia prática e homilética e alguns elementos importantes a partir da relação com a pesquisa oriunda das concepções bakhtinianas.

Nos próximos tópicos tentaremos fazer um levantamento bibliográfico sobre a situação da teologia prática e da linguagem a partir do discurso da prédica, como evento comunicativo. O que procuramos compreender é a relevância dos estudos linguísticos de Bakhtin no âmbito da teologia prática e alguns de seus desdobramentos dentro do campo da homilética.

---

<sup>8</sup> NEWSOM, 1996, p. 290.

## 1. Teologia prática e linguagem: adendos ao campo homilético

A linguagem no campo teológico assume diversas funções, sendo a principal e mais básica a realização da comunicação entre as pessoas e de Deus com sua comunidade. Nesse sentido, a linguagem é a comunicação através de palavras, sentenças, orações e signos, compreendidas entre duas ou mais pessoas. Para cada coisa que se procura comunicar, a linguagem assume diferentes características. Ela pode ser mais retórica, como na prédica, utilizando metáforas e histórias para transmitir uma compreensão, para atualizar o sentido do texto bíblico. Ela também pode desempenhar um papel importante na exegese bíblica, onde a tradução da Palavra de Deus pode mudar o sentido de um versículo ou texto bíblico.

A linguagem é ainda importante no contexto litúrgico, pois as orações, pedidos, louvores, cantos, testemunhos, etc., são trazidos diante de Deus em forma de comunicação e linguagem humana. Em toda a liturgia, a linguagem desempenha um papel fundamental na relação do ser humano com Deus. Os sacramentos, desde uma visão protestante, são palavra e ação, ou seja, são palavras vivas que realizam uma ação; no sacramento palavra e ação realizam a transformação e a ação de Deus. Há ainda inúmeros outros tipos de linguagem que perfazem a ação cultural, como a linguagem simbólica, corporal, espacial, visual, etc. Por isso, cabe à teologia prática ser o local no qual se realiza o encontro com as demais disciplinas acadêmicas e fazer a reflexão crítica e dialógica entre a igreja e a prática da fé.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998. p. 31ss; DE MELO, Andréa Pereira; DE CASTRO, Clovis Pinto; RAMOS, Luiz Carlos; CUNHA, Magali do Nascimento. Teologia prática e linguagem: por uma análise do discurso evangélico no Brasil contemporâneo. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 9, n. 2, p. 101-117, 2004. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/viewFile/1382/1392>. Acesso em: 07 jan. 2019.

## 2. Teologia prática, linguagem e comunicação

O artigo, parte princípio de que a pregação, como a *viva voz do Evangelho*, se revela e se encarna no diálogo, esteja ela presente no culto, na poimênica, na liturgia ou no cotidiano da comunidade cristã como um todo, e que a ela é, de uma forma ou de outra, um diálogo entre os/as seus/suas diferentes atores/atrizes. Por isso, nesse tópico quer-se refletir sobre a relação entre teologia prática e linguagem desde o ponto de vista da homilética. De um ponto de vista geral da teologia já se percebe que o diálogo entre os seus diferentes ramos nem sempre se deu de forma fácil. Desde Schleiermacher esse relacionamento se dá de diferentes formas. A teologia prática assumiu um lugar na academia e teve um grande papel na interlocução entre a ciência teológica e o mundo. Apesar de ter sido um papel decisivo, por vezes, a relação “prática” apenas serviu como base para auxiliar a igreja em suas tarefas cotidianas. Não se via que a teologia prática poderia (e ainda pode) dar uma contribuição fundamental para a teoria teológica desenvolvida nos seminários teológicos, centros de formação ou universidades em sua relação com o mundo cultural<sup>10</sup> e o mundo da vida.

Nesse sentido, surge algo que Miller-McLemore chama de “insegurança essencial”. Não se pode negar que ao longo dos séculos sempre foi conflituosa a relação entre o humano e o divino no âmbito acadêmico. No entanto, segundo ela, isso resulta da própria natureza da pesquisa, pois o estudo, seja ele sobre a humanidade – o ser humano – ou sobre o divino – Deus – possui características “essencialmente insondáveis, inefáveis e misteriosas. Portanto, como podemos acumular conhecimento?”<sup>11</sup> A própria pergunta sobre o que é verdade se torna, por vezes, um relativismo. Como, por exemplo, sobre a identidade humana. “Nossa identidade se encontra em ‘*não* comumente saber quem nós somos, em não sempre saber o que estamos fazendo’.

<sup>10</sup> MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a Teologia Prática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 204-226, 2016. p. 208. Ver ainda: HOCH, 1998, p. 21-35; SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aspectos históricos e concepções contemporâneas da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998.

<sup>11</sup> MILLER-MCLEMORE, 2016, p. 207.

Isso é verdade ou adequado?”<sup>12</sup> No entanto, isso não é uma característica apenas da teologia, nem mesmo somente da teologia prática; todas as disciplinas ligadas às ciências humanas sofrem com essa mesma realidade.

No âmbito teológico prático lida-se cotidianamente com textos, sejam eles escritos ou orais. As ciências humanas lidam a todo momento com textos – escritos ou orais –, dados primários de várias disciplinas como a filologia, filosofia, literatura, e pode-se incluir aí a própria teologia. O motivo dessas disciplinas terem o texto (escrito ou oral) como dado primário é porque, ao lidar com ele, se trabalha em uma região limítrofe onde todas as disciplinas se encontram, acontecendo seu cruzamento e sua junção.<sup>13</sup> Para que uma fala seja compreendida é preciso que uma pessoa fale. Em seguida, ela precisa ser ouvida e compreendida, cabendo uma resposta ou não. No entanto, quando se fala, discursos e palavras são enunciados e cada sujeito é responsável por seus atos e ações. O ser humano se utiliza da linguagem e dos signos para dar expressão e comunicar-se, assim, cada texto e cada enunciado são individuais, únicos e singulares.<sup>14</sup> E para realizar tal análise é necessário transcorrer por espaços limítrofes e fronteiriços de várias disciplinas. Isso significa colocar-se nas e às margens de várias disciplinas, onde elas se cruzam e juntam.<sup>15</sup>

Assim, a teologia prática, no que concerne ao campo homilético, precisa aprofundar esse diálogo marginal. A análise da linguagem no âmbito da teologia prática precisa levar em consideração esse entremeio linguístico que se forma na homilética e na pregação – objeto desta pesquisa. Isto é, às vezes estaremos em direções mais filosóficas, às vezes mais linguísticas, às vezes mais práticas e às vezes no encontro delas. Pois, retomando uma compreensão de Lutero sobre a linguagem, é preciso analisar a descida encarnacional da Palavra de Deus em Jesus Cristo.<sup>16</sup>

<sup>12</sup> MILLER-MCLEMORE, 2016, p. 207. (Grifo da autora).

<sup>13</sup> BAKHTIN, Mikhail M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015a. p. 305.

<sup>14</sup> BAKHTIN, 2015a, p. 310.

<sup>15</sup> BAKHTIN, 2015a, p. 307.

<sup>16</sup> BIELFELDT, Dennis. Luther on Language. *Lutheran Quarterly*, Baltimore, v. 16, p. 195-220, 2002. p. 196s; WESTHELLE, Vitor. Communication and the Transgression of Language in Martin Luther. *Lutheran Quarterly*, Baltimore, v. 17, p. 1-27, 2003.

Uma linguagem ética, a partir dessa compreensão, leva em conta que a Palavra de Deus se revela em Jesus Cristo a toda a criação, e que através da encarnação do Verbo Divino em Jesus, a linguagem divina torna-se humana. Com isso, a distinção entre Palavra de Deus e palavra humana não é perdida, mas interpretada a partir da realidade na qual ela se encontra.

Segundo Orlandi, na análise do discurso, essa situação marginal se dá entre a filosofia e linguística. Ele explicita a análise do discurso como sendo o *entremeio*<sup>17</sup> dessas ciências. Bakhtin caracterizou a interseção entre as duas disciplinas como sendo a metalinguística, isto é, onde se pudesse dar conta de tal análise discursiva e da estética da criação verbal. O que ele ainda chamou de arquetônica da criação verbal, isto é, “um ponto de encontro entre material, forma e conteúdo”.<sup>18</sup> Assim, seria importante que o discurso – em nosso caso a prédica – fosse analisado em sua “integridade concreta e viva”, [e não apenas através de língua, enquanto objeto específico da linguística, que segundo ele, seria apenas] “abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso”.<sup>19</sup>

A teologia como um todo precisa constantemente rever seu discurso, buscando atualizar seu estilo, gênero e forma de se comunicar. De certa forma, podemos dizer que isso acabou acontecendo na época de Schleiermacher, quando a teologia deixou de discutir e discursar sobre temas abstratos; ou como definiu Vitor Westhelle, “deixou de tentar fazer da teologia a racionalização do absurdo e fez dela uma ciência prática e positiva”.<sup>20</sup> O sujeito da teologia passa a ser a fé empiricamente demonstrável, uma fé que se relaciona com o cotidiano, com a vivência e experiência prática e ritual das comunidades de fé. Dessa forma, há um avanço do sujeito irracional e abstrato para a práxis. Ao definir a prática e colocá-la como sujeito da teologia, descobriu-se “no sentimento

<sup>17</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 148.

<sup>18</sup> TODOROV, Tzvetan. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015d. p. xvii.

<sup>19</sup> BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 207.

<sup>20</sup> WESTHELLE, Vitor. Uma fé em busca de linguagem: o sedicioso charme da teologia na IECLB. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 68-82, 1992. p. 69.



religioso algo que nem a prática e nem a teoria poderiam justificar: o sentimento de dependência absoluta ou incondicional, que é concebido como componente irreduzível da antropologia, uma espécie de dispositivo religioso na anatomia humana.”<sup>21</sup> O que, na avaliação de Westhelle, transformou a teologia num discurso de fé empiricamente verificável e definiu que a concepção da disposição emotiva da ritualidade cristã fosse apresentada em forma de linguagem.<sup>22</sup>

Seja pela via da experiência religiosa (espiritual, mística, pietista, carismática, tradicional) ou pela via histórica (método histórico-crítico) –, a teologia prática se articula através da linguagem (oral e escrita). O desafio que Westhelle aponta é revelar essas diferentes máscaras que a teologia coloca em si ou que são colocadas nela, seja a partir da práxis – nas comunidades de fé – ou na academia ou na instituição – na dogmática e na igreja (instituição oficial). Indiferente da(s) teologia(s), todas elas esbarram no seguinte problema: *como nomear o inominável?* Pois, falar de ou sobre Deus é primeiramente falar sobre o que aponta para o divino, mas também é falar sobre o que o encobre.<sup>23</sup>

Analisar a linguagem na sua inteireza coloca-se como princípio de interpretação da realidade contextual. É colocar a palavra e sua expressão no seu contexto criador. Tornar-se responsável pelo discurso que se produz é saber se relacionar com a linguagem, enquanto gramática, letra fria e morta, mas saber que por detrás de cada palavra encontra-se uma voz que proclama, fala, enuncia, anuncia, prega e procura se comunicar. A linguagem não é um objeto isolado, ela está em relação no mundo da vida e cultural, e é essa relação que a teologia prática e suas áreas devem ter com ela. O discurso religioso, como qualquer outro discurso, se define a partir do local, das vozes e dos textos que o compõem e lhe conferem significado. É um discurso dialógico direcionado a uma comunidade concreta, num lugar determinado e num período histórico.

Saber utilizar os gêneros discursivos significa enunciar uma linguagem compreensível e intencional, compreendendo as várias “lingua-gens” e as diferentes vozes sociais como “possíveis relações dialógicas

<sup>21</sup> WESTHELLE, 1992, p. 69.

<sup>22</sup> WESTHELLE, 1992, p. 69.

<sup>23</sup> WESTHELLE, 1992, p. 70.

(particulares), ou seja, como pontos de vista sobre o mundo.”<sup>24</sup> Nesse sentido, o mais importante é perceber que o discurso, seja ele qual for, precisa ser pronunciado, precisa encarnar, precisa tornar-se viva voz ativa e responsável. Como afirma Bakhtin,

O discurso vive fora de si mesmo, na sua orientação viva sobre seu objeto: se nos desviarmos completamente dessa orientação, então, sobrarão em nossos braços seu cadáver nu a partir do qual nada saberemos, nem de sua posição social, nem de seu destino. *Estudar o discurso em si mesmo, ignorar sua orientação externa, é algo tão absurdo como estudar o sofrimento psíquico fora da realidade a que está dirigido e pela qual ele é determinado.*<sup>25</sup>

A prédica, como um tipo de discurso, é uma resposta, uma réplica ao diálogo que acontece no cotidiano da vida e deve ser compreendida no seu contexto, onde diferentes vozes sociais (como por exemplo, a Bíblia, os textos da igreja, a vida das pessoas) tornam-se parceiras de diálogo.<sup>26</sup> O ato de pregar é a união de vozes vivas, a junção das vozes humana e divina. Nesse caso, a prédica é um discurso que se estabelece na fronteira interna do seu próprio discurso e do discurso do outro.<sup>27</sup>

A prédica deve procurar ir além do seu contexto linguístico, por mais que isso seja um enorme desafio. Deve estabelecer relações dialógicas com as linguagens cotidianas (ideias e formas como a linguagem se expressa no dia-a-dia) e também com as linguagens profissionais (da advocacia, medicina, comércio, política, etc.), procurando por formas de relação intencional. Ou seja, expressar de forma ordinária o pensamento e realizar a comunicação.<sup>28</sup>

Para isso, a pessoa que produz um enunciado deve procurar orientar-se a partir dos grupos particulares, desde o mundo da audiência, desafiando-a com elementos novos, utilizando-se das diversas vozes sociais,

<sup>24</sup> BAKHTIN, Mikhail M. O discurso no Romance. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998a. p. 99.

<sup>25</sup> BAKHTIN, 1998a, p. 99. (Grifo do autor).

<sup>26</sup> BAKHTIN, 1998a, p. 92.

<sup>27</sup> BAKHTIN, 1998a, p. 92.

<sup>28</sup> BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015b. p. 266.

para que mais de um grupo social compreenda a fala e entre em uma relação dialógica com a linguagem de outras pessoas e contextos.<sup>29</sup> Esta relação dialógica pode assumir a intenção de ser uma resposta antecipada,<sup>30</sup> isto é, que se apresenta como antecipação ao discurso futuro e propõe ser um discurso sobre algum tema esperado. Isso é para Bakhtin um “diálogo vivo”.<sup>31</sup>

Esse diálogo vivo, a partir de modelos mais retóricos como a pregação, procura estabelecer uma relação com a audiência. Um aspecto que Bakhtin ressalta é que os diferentes estilos retóricos acentuam e concebem a audiência somente como um grupo de pessoas que compreende de forma passiva. A virada que Bakhtin propõe é justamente compreender que a audiência pode responder e replicar de maneira ativa e responsável ao enunciado.<sup>32</sup>

Essa concepção do ato responsável e ativo é perceptível quando são pronunciadas as palavras da absolvição ou do Batismo, pois não são somente palavras e linguagem na sua forma gramatical e fria que oferecem algo ao ser humano e o impulsionam a agir e praticar a vontade de Deus, mas todo o conjunto de signos presentes na absolvição e na fórmula baptismal. Isto é, sua enunciação como verdade encarnada por Cristo, como o ser no qual a verdade se tornou palavra encarnada.<sup>33</sup> Elas dialogam com o ser humano, apresentam um mundo novo, encarnando nelas a vida e a práxis. Este é o desafio da Teologia da Prática, ser uma ciência que se estrutura a partir dos enunciados e da p(P)alavra viva, e que tais enunciados sejam dialógicos, articulando o mundo da vida e da cultura, onde a proclamação do Evangelho é um ato responsável, por parte da audiência e da pessoa pregadora.

Isso certamente também pode ser aplicado às outras áreas da teologia, pois, como afirmado, o âmbito das ciências humanas lida o tempo todo com textos, sejam eles escritos ou orais. Eles impregnam o ser humano de uma responsabilidade ética e de busca pela verdade, tornando-o sujeito perante o outro e ele mesmo, onde sua palavra sempre está e

<sup>29</sup> BAKHTIN, 1998a, p. 91.

<sup>30</sup> BAKHTIN, 1998a, p. 89.

<sup>31</sup> BAKHTIN, 1998a, p. 89.

<sup>32</sup> BAKHTIN, 1998a, p. 89.

<sup>33</sup> BAKHTIN, 2015, p. 35-36.

estará prenhe de resposta. Cabe à teologia prática auxiliar o ser humano na reflexão e ação a partir da fé e com sua linguagem no mundo da vida.

Por último, retomamos um pensamento de Paulo Bezerra, pesquisador e tradutor de alguns livros de Bakhtin. Para ele, “*o enunciado [é] como um continuum da comunicação e da cultura.*”<sup>34</sup> Sua reflexão está ligada aos enunciados dialógicos de Bakhtin, mas bem que ele poderia estar falando sobre a tarefa da teologia prática. Contextualizando seu pensamento, pode-se afirmar que à teologia prática cabe ser o lugar no qual a reflexão sobre aquilo que foi enunciado, falado e comunicado no passado torne-se novamente uma memória e um ato vivo e responsável na atualidade. Cabe a ela também vislumbrar que cada texto e enunciado encontra-se num dado momento cultural e social e que é preciso atualizá-los, buscando uma aproximação futura através do processo comunicativo dialógico. E isso pode ser feito quando a teologia prática encontra na alternância dialógica dos sujeitos seu fundamento e identidade.

Para que a comunicação dialógica continue ocorrendo, a teologia prática deve ser o lugar no qual ocorre o diálogo sincero e aberto com o mundo da vida e o mundo cultura, para que o discurso da religião e da igreja não cesse e se torne um monólogo, onde somente uma voz fala. A tarefa da teologia prática é ser a margem ou a fronteira entre os diversos enunciados que existem e que ainda virão a ser proferidos, ser a mediadora na relação com os diversos contextos e vozes sociais e culturais.<sup>35</sup>

### **3. Pregação e linguagem – entre crise e mal-estar**

Em 1973, o teólogo católico Andrés Tornos afirmou que havia uma “crise da linguagem religiosa”.<sup>36</sup> Em 1974, o teólogo protestante Manfred Josuttis afirmou o seguinte:

---

<sup>34</sup> BEZERRA, Paulo. Posfácio: no limiar de várias ciências. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 161. (Grifo itálico do autor; em negrito nosso).

<sup>35</sup> BEZERRA, 2016, p. 161-163.

<sup>36</sup> TORNOS, Andrés. Sintomas e causas da atual crise da linguagem religiosa. *Concilium*, Petrópolis, n. 85, p. 533-542, 1973. p. 533.

O pregador fala de cima e de fora sobre Deus e Jesus, pecado e salvação, como se tudo isso fossem fatos objetivos, e como se tudo isso não dissesse respeito a ele próprio com seus desejos e angústias, suas experiências e incertezas. O pregador não aparece na prédica. Isso, porém, significa: *o espírito da prédica permanece 'espiritual' e 'abstrata' [...]*.<sup>37</sup>

Em anos mais recentes, 2013, o teólogo luterano Júlio Adam falou de um “mal-estar no púlpito”.<sup>38</sup> O que separa os autores não é somente a confessionalidade de cada um, nem mesmo o fato de que todos escreveram seus textos e viveram em contextos sociais, temporais e espaciais diferentes. Há uma unidade entre eles, o fato de que estão lidando com problemas relacionados à linguagem e ao discurso religioso e, sobretudo, à forma como a linguagem se relaciona dentro do sistema religioso como um todo, ou restrito à pregação.

Passados vários anos, é possível dizer que nem os estudos da linguagem, nem a teologia conseguiram dar conta dos desafios da palavra, da linguagem e da comunicação no âmbito religioso. Será que poderíamos falar novamente em crise? Pondera-se, com base em Tornos, que a crise que se tem hoje tem outros efeitos e outros sintomas.<sup>39</sup> Edward Schillebeeckx avalia que a crise da linguagem da fé cristã se ancora em dois pontos de tensão que se originam na hermenêutica da revelação cristã. Segundo ele, por um lado, tem-se o contexto social, cultural, econômico e religioso no qual se revelou o próprio Cristo e que se verbalizou em linguagem nos escritos do Novo Testamento. Por outro lado, tem-se o desafio de traduzir e comunicar na cultura atual o contexto da realidade de Jesus.<sup>40</sup> Josuttis pondera que a proclamação precisa ser compreendida como obra (*Werk*) humana e não somente como obra divina, pois essa

<sup>37</sup> JOSUTTIS, Manfred. O pregador na pregação. In: JOSUTTIS, Manfred. *Prática do evangelho entre política e religião: problemas básicos da teologia prática*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1982. p. 70. (Grifo nosso).

<sup>38</sup> ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 1, p. 160-175, 2013b.

<sup>39</sup> TORNOS, 1973.

<sup>40</sup> SCHILLEBEECKX, Edward. O problema hermenêutico da crise da linguagem da fé. *Concilium*, Petrópolis, n. 85, p. 555-568, 1973. p. 557.

dicotomia não possui ancoragem na prática da fé, compreendida como ação criadora da Proclamação do Evangelho. Portanto é necessário analisar a comunicação do Evangelho e o seu processo dentro da dimensão da fé, que necessita que outros métodos, além do teológico, a analisem.<sup>41</sup>

Desde um ponto de vista teológico e da linguagem, pode-se afirmar que essa *crise apresenta um quadro clínico de grande mal-estar na modernidade*. Com isso, é possível diagnosticar que a sociedade pode chegar a um quadro clínico no qual a “história [é] sem fala”,<sup>42</sup> ou seja, onde a comunicação de signos linguísticos é feita de forma mecânica, num mundo orientado pelo mercado, no materialismo absoluto, como afirma o dramaturgo franco-suíço Valère Novarina. O ser humano sempre tem algo a falar, até mesmo Deus, que em Jesus Cristo se revelou e se tornou o verbo/palavra encarnada. Novarina, ao mesmo tempo em que escreve que a sociedade pode ter uma história sem fala, também é quem rememora que “o messias é fala”, [que] Ele é “o verbo ator, aberto e operante” [e que] “Deus é a quarta pessoa do singular”.<sup>43</sup> Nesse sentido, se existe a crise na e da linguagem, ela se dá pelo esforço realizado pelo cristianismo em responder à própria pergunta de Jesus, que se mantém válida para nós hoje: “E vós, quem dizeis que Eu sou? (Mc 8.29; Mt 16.15; Lc 9.20).<sup>44</sup>

<sup>41</sup> JOSUTTIS, Manfred. Verkündigung als kommunikatives und kreatorisches Geschehen. In: JOSUTTIS, Manfred. *Rhetorik und Theologie in der Predigtarbeit: Homiletische Studien*. München: Kaiser, 1985. p. 45-46.

<sup>42</sup> BERTRAND, Michel. La communication, une histoire sans parole? *Études théologiques et religieuses*, Montpellier, v. 88, n. 1, p. 1-14, 2013. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-etudes-theologiques-et-religieuses-2013-1-page-1.htm>. Acesso em: 11 abril 2017. Bertrand retira uma citação do texto do teatrólogo franco-suíço Valère Novarina. Cf.: NOVARINA, Valère. Diante da Palavra. In: NOVARINA, Valère. *Diante da Palavra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2009. p. 13. “Eis que agora os homens trocam entre si palavras como se fossem ídolos invisíveis, forjando nelas apenas uma moeda: acabaremos um dia mudos de tanto comunicar; nos tornaremos enfim iguais aos animais, pois os animais nunca falaram mas sempre comunicaram muito-muito bem. Só o mistério de falar nos separava deles. No final, nos tornaremos animais: domados pelas imagens, emburrecidos pela troca de tudo, regredidos a comedores do mundo e a matéria para a morte. O fim da história é sem fala”.

<sup>43</sup> NOVARINA, 2009, p. 22.

<sup>44</sup> SCHILLEBEECKX, 1973, p. 558.

Se se trata de uma crise ou um mal-estar, podemos discutir adiante ou até mesmo deixar essa questão em aberto, já que o importante é que a comunidade cristã continua falando, comunicando e anunciando a Boa Nova do Evangelho, dando voz e vida aos ensinamentos de Jesus. Aqui o importante não é somente conhecer o erro e/ou o problema, mas procurar por soluções que possam auxiliar a proclamação da viva voz do Evangelho.

Observa-se um enfraquecimento da influência da pregação nas comunidades protestantes e na igreja cristã de uma forma geral. Sob o fundamento do *sola scriptura*, o discurso no protestantismo reagiu de forma racional às “condições de enunciação da prédica”,<sup>45</sup> no qual se acentua e se transmite a tradição através do discurso religioso. Para Willaime, sociólogo francês que pesquisa o protestantismo, refletir sobre a prédica é “abordar em conjunto o estudo do culto, da paróquia e do corpo eclesial: a sociologia da prédica é de fato o entrelaçamento de uma sociologia da paróquia, de uma sociologia do clero e de uma sociologia do discurso religioso”.<sup>46</sup> Ou seja, se há algum tipo de crise ou problema deve-se verificar como acontece o evento da prédica, enquanto diálogo no local e com as pessoas onde ela ocorre. Isto é, enquanto interação entre os diferentes sujeitos que compõem a pregação e que se entrelaçam com o sujeito do qual parte a comunicação, isto é, a Bíblia, o ser humano e a vida.

Rivera afirma que o protestantismo apresenta três tensões em seu fundamento: “entre fundamentalismo e liberalismo, entre religião dos leigos e religião de clérigos e entre confessionalismo e universalismo”.<sup>47</sup> Essas tensões têm como fundamento, sobretudo as duas primeiras, o princípio protestante do *sola scriptura*. Nesse ponto, certamente teríamos que abrir espaço para uma discussão mais ampla. Inclusive com o contraponto católico, que privilegia em seu sistema religioso o ritual e a ritualidade. Ao mesmo tempo, observa-se que a homilia e a homilética

<sup>45</sup> WILLAIME, Jean-Paul. Prédica, culto protestante e mutações contemporâneas do religioso. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, ano 16, n. 23, p. 41-55, 2002. p. 43.

<sup>46</sup> WILLAIME, 2002, p. 43.

<sup>47</sup> RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2010. p. 144.

tem sido tema de debate, como se pode ver em Arnaud Join-Lambert, no seu artigo *Do sermão à homilia: novas questões teológicas e pastorais e outros*.<sup>48</sup>

Tendo isso como pano de fundo, a questão que se coloca inicialmente, e que certamente se colocará como paradoxo para algumas pessoas, é: pode a pregação cristã *ainda* ser instrumento de comunicação e anúncio do Evangelho na igreja? Para tal, recorreremos a alguns autores que refletiram sobre a homilética em diferentes contextos. Ademais, o instrumental da pesquisa de Mikhail Bakhtin coloca a homilética sob o prisma da linguagem, tendo em vista que a comunicação que se dá no âmbito da prédica/homilia comunitária é através da linguagem.

O texto bíblico paulino de Rm 10,17 “A fé vem pelo ouvir”, aparece, implicitamente e explicitamente, como guia e recurso metodológico ao longo de toda a discussão. A teologia e a igreja, preocupadas em dar importância para o “ouvir”, centram-se na condição luterana e evangélica da proclamação da Palavra de Deus. Adam chama a atenção para o “ouvir”. Neste caso, ele escreve especificadamente sobre a pregação. De forma crítica, põe sob suspeita as teologias que se centram somente na pregação e na condição do ouvir. Nas entrelinhas de sua crítica pode-se afirmar que a prédica vai além das palavras que se pronunciam, e que concretamente se “*ouvem com os ouvidos*”.

O culto não está submisso à prédica, nem a liturgia é uma moldura para a pregação. O culto precisa do sermão e o sermão precisa do culto. A pregação perpassa o todo e cada parte do culto. O culto permite que a comunidade vivencie, experimente essa voz viva que falávamos, através dos ritos, gestos, toques, símbolos e cores, tempos e calendários, arquitetura, imagens, movimentos, músicas, hinos, cantos e música, orações, bênçãos. Voz que performa não só o culto, mas o mundo. Tudo é manifestação da voz do Evangelho.

<sup>48</sup> JOIN-LAMBERT, Arnaud. Du sermon à l’homélie: Nouvelles questions théologiques et pastorales. *Nouvelle revue théologique*, Bruxelas, v. 126, n. 1, p. 68-85, 2004; DOS SANTOS COSTA, Pe Dr Valeriano. A homilia em sua dimensão simbólico-sacramental: na busca ainda de acertar 40 anos depois da *Sacrosanctum Concilium*. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 41, p. 31-46, 2002. p. 31; RICHARD, Pablo. Um novo espaço para a Palavra de Deus. *Concilium*, Petrópolis, n. 335, p. 202-212, 2010.



O culto é o espaço por excelência da comunicação e da *performance* do Evangelho!<sup>49</sup>

Desde o âmbito da ciência litúrgica podemos falar de um “ouvir”, no qual estão implicadas as mais variadas formas de expressão simbólica do culto e no qual todas as pessoas contribuem para a construção da mensagem cristã.<sup>50</sup> Tendo por base a premissa de Lutero de que Sacramento somente é válido onde sinal (gesto) e Palavra (linguagem) se juntam e se relacionam no rito, da mesma forma, a prédica somente possui eficácia e é ativadora quando a Palavra de Deus é acrescida de resposta por sua contraparte humana. Lembrando que a resposta humana à Palavra de Deus pode ser dada em silêncio. Conforme Hertzsch, a prédica, as leituras bíblicas e a eucarística são “*verbum visibile seu actuale* [palavra visível ou ativa]”,<sup>51</sup> [pois] “o culto somente se torna culto quando à palavra se acrescenta a resposta, quando os ouvintes abrem a boca, quando a comunidade se transforma de auditório em comunhão.”<sup>52</sup>

Dessa forma, a igreja cristã deve prezar pela correta forma teológica que advém do labor teológico e exegético no preparar ou escrever a pregação, mas também compreender as dinâmicas linguísticas, comunicacionais, ritualísticas e litúrgicas que ocorrem entre as diferentes pessoas

<sup>49</sup> ADAM, 2013b, p. 171. (Grifo do autor).

<sup>50</sup> “A fé vem pelo ouvir (Rm 10.16). No grego temos, aqui, o verbo *acouw* (ouvir, de acústica). Traduções que substituem o ouvir pelo termo “pregação” ocultam essa riqueza. A fé vem pelo que se ouve, mais do que pelo que homileticamente se faz e se prega. A fé não vem pela pregação. A fé vem pelo ouvir da voz do Evangelho. No ouvir, os ouvintes estão muito mais implicados. Eles estão mais convocados para o processo. Esse é um primeiro aspecto a considerar. Na missão da pregação – e nós homiletas gostamos dessa ideia mais do que da outra, tende-se a ver o que vem até o púlpito, como o mais importante: o labor exegético em torno do texto bíblico, o labor homilético em torno do texto da prédica, o púlpito como espaço da *performance* homilética. Nessa lógica, a pregação está mais centrada no pregador. Na outra lógica, na do ouvir, na do *acouw*, a pregação tem mais a ver com os ouvintes. Ouvir é um processo que é desencadeado.” ADAM, 2013b, p. 163.

<sup>51</sup> HERTZSCH, Klaus-Peter. A prédica no culto. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. v. 4. São Leopoldo: Faculdades EST; Sinodal, 2016. p. 92.

<sup>52</sup> HERTZSCH, 2016, p. 92.

que se reúnem no culto cristão e que ouvem a prédica. Concordamos com Adam, quando ele afirma que,

A fé não vem por ações, nem é desencadeada pela pregação, nem mesmo pelo estudo da teologia ou da homilética. A fé vem pelo ouvir de uma voz. *A viva vox evangelii*. Quando se ouve a voz do Evangelho, algo tremendo, inusitado, novo, misterioso acontece. Nasce a fé.<sup>53</sup>

Retomando ainda a ideia de palavra e fala de Novarina, é importante refletir que a linguagem é aberta, não é fazer a comunicação a partir do escambo ou troca. Ela é um abrir a boca, um atacar o mundo; um falar que quebra e derruba imagens e ídolos; uma palavra que gira ao redor do real e do inventivo em cada boca que fala; e que falar é “fazer a experiência de entrar e sair da caverna do corpo humano a cada respiração”.<sup>54</sup> A fala avança no escuro, onde se descobre o espaço no qual ela aparece. O ser humano abre passagens entre as pessoas quando fala, no qual se transmite quase que um segredo ou mistério, ocorrendo a libertação. Pela fala o ser humano traça uma trajetória. Para Novarina, o ser humano leva o mundo em sua boca ao falar, falando sobre coisas que não pode nomear, falando sobre o desconhecido, sobre o que não possui. Para ele, é importante que se fale “aquilo do que não se pode falar, é isso que é preciso dizer.”<sup>55</sup> Para finalizar este pensamento, retomaremos na íntegra a citação de Novarina que aborda a questão de Deus como quarta pessoa do singular, e o quanto essa citação possui a conotação de um Deus vivo e atuante pela linguagem, como Lutero imaginou que seria a *viva vox Evangelii*.

No mais profundo de alguém, *ninguém*. No fundo de nós e mais íntimo que nosso nome: a linguagem. No fundo da linguagem, *o verbo aberto no fundo da linguagem*. O messias é fala. O vorto ator, aberto e operante. Há, no fundo e mais profundo de nós, *ninguém* e uma alteridade. No fundo do pensamento: um verbo aberto no fundo do pensamento: *Eu sou*. Não o ser que é, mas o verbo que liberta. Esse

<sup>53</sup> ADAM, 2013b, p. 163. (Grifo do autor).

<sup>54</sup> NOVARINA, 2009, p. 15.

<sup>55</sup> NOVARINA, 2009, p. 20.

verbo é uma passagem. Ele não nos prova nada, ele nos racha, ele te abre. *Eu sou* escreve em você o movimento da fala. Deus é a quarta pessoa do singular.<sup>56</sup>

Retomando a questão da crise na linguagem religiosa, uma solução seria compreender que a pregação é a dramatização da vida humana. E sendo assim, é também dramatização *do* e *sobre o* divino, pois a pregação, inserida no âmbito do ritual e da liturgia, reatualiza e rememora a presença de Deus. Focar a pregação somente nos ouvidos e na condição do ouvir pode ser, muitas vezes, algo crítico, mas é justamente pelo ouvir que Deus se manifesta, um ouvir que é articular a linguagem, comunicar-se, expressar-se, desfazer-se, incluir-se, manifestar-se, ritualizar e celebrar. Ao se produzir a ação de ouvir também se faz uma ação, seja ela de pura inércia *devant la parole*, diante da palavra, conforme Novarina, mas também pode ser uma ação que produz uma práxis, que é evento ali onde ela acontece e que chega às margens, até as zonas mais marginais, literalmente, na marginalidade.

A pregação está em crise, sempre esteve e sempre estará, pois ela não é palavra somente deste mundo. Por isso, seu mistério, sua anunciação, sua elocução e a pregação da Palavra de Deus, enquanto viva voz do Evangelho, somente se completará na plenitude do Reino de Deus. Até lá resta à igreja ser uma voz viva do Evangelho que anuncia a Boa nova (do Evangelho) e que também denuncia (com base na Lei), uma voz que encena, dramatiza e ritualiza a ação de Deus neste mundo. Ao mesmo tempo que Novarina e tantos outros no âmbito teológico são críticos ao ouvir, todos estão buscando uma nova relação com a palavra.

Levando a reflexão ao âmbito do culto, podemos afirmar que a partir da performance do rito e da liturgia, onde se torna mais perceptível uma ação performática, pode e deve também a língua e linguagem serem ações performáticas, ou seja, a palavra também se torna conteúdo passível de performance, de dramatização, no sentido da dramaturgia.<sup>57</sup>

<sup>56</sup> NOVARINA, 2009, p. 22. (Grifo do autor). Em francês a palavra traduzida na primeira frase por ninguém é *personne* que pode significar pessoa, alguém ou ninguém; o autor brinca com o sentido desta palavra.

<sup>57</sup> BARBOSA DE BRITO, Nayara Macedo. Língua em Performance. *Repertório*, Salvador, n. 21, p. 97-104, 2013. p. 99. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index>.

Assim, a palavra dialoga com as pessoas que buscam ouvir, compreender ou vivenciar a Palavra Viva. Este seria um caminho, compreender que vários métodos podem e devem ser utilizados para que a viva voz do Evangelho chegue a todas as pessoas, através de diversos caminhos e formas.

#### 4. Linguagem, p(P)alavra, comunicação e pregação

Não podemos negar que a religião está impregnada e preme de linguagem e palavras, orações, sintaxes, significados e outros fenômenos que são estudados pela linguagem. A relação entre as disciplinas acadêmicas acontece aqui na margem, na região limítrofe. Também nesse sentido é inegável a contribuição da Reforma Protestante à linguagem, sobretudo em relação a formação da língua alemã, como destaca Oswald Bayer,<sup>58</sup> mas também aos impulsos de tradução da Bíblia para o vernáculo em diversos contextos.

Nesse sentido, como destaca Bayer, a principal descoberta da Reforma se liga com a linguagem. Lutero entendeu que o signo linguístico produz realidade, que ele não é uma ausência, mas que a linguagem produz realidade. Sendo essa, portanto, a principal descoberta da hermenêutica de Lutero. Isso se liga ao fato de que ele entendia que a linguagem produz e lida com a vida e a morte, com o ser e o não-ser. Nesse sentido, o autor destaca que para Lutero foi libertador quando o reformador compreendeu as palavras da absolvição como ato declarativo, no qual as

---

php/revteatro/article/viewFile/12090/8633. Acesso em: 29 de. 2018; ADAM, Júlio César. Liturgia e performance-entre representação e comunicação: um breve relatório. *Tear Online*: liturgia em revista, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 3-9, 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/866/819>. Acesso em: 29 dez. 2019; PLÜSS, David. Gottesdienst als authentische Inszenierung von Authentizität. *Tear Online*: liturgia em revista, São Leopoldo, v.3, n.1, p. 37-44, 2014. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/1674/2233>. Acesso em: 29 dez. 2019.

<sup>58</sup> BAYER, Oswald. Reliable word: Luther's Understanding of God, Humanity and the World. In: HASSELHOFF, Gorge K.; STÜNKEL, Knut Martin (Eds.). *Transcending words: The Language of religious contact between Buddhists, Christians, Jews, and Muslims in premodern times*. Bochum: Dieter Winkler, 2015. p. 217ss.

palavras são um gesto libertador por parte de Deus para o ser humano. A enunciação sacerdotal “eu te absolvo dos teus pecados” é uma declaração que em si contém o elemento linguístico de uma ação realizada por Deus em favor do ser humano, no qual não carece ao ser humano realizar outra ação que não seja a aceitação pela fé da absolvição. Portanto, essa é a promessa de Deus, como registra Lutero: “Pois, [...], Deus jamais agiu ou age com os seres humanos de outra maneira que através da palavra da promessa. Por outro lado, também não podemos agir com Deus de outra maneira que através da fé na palavra de sua promessa.”<sup>59</sup>

Ao longo do artigo, quando nos referimos à linguagem ou palavra, tivemos em mente sua importância para o contexto das igrejas oriundas da Reforma, e, sobretudo, para a confessionalidade luterana. Sendo assim, cabe afirmar que nas igrejas oriundas da Reforma Protestante do século XVI a palavra, ou seja, a linguagem, tornou-se algo central para o sistema religioso,<sup>60</sup> sendo que a pregação se encontra no centro do dispositivo religioso protestante que conduz os/as fiéis à presença do divino.<sup>61</sup>

Lutero desejou que as línguas, as artes e a história fossem estudadas, conforme consta na sua carta ao conselho de todas as cidades alemãs para que criassem e mantivessem escolas. Mesmo que sua insistência estivesse focada no estudo da língua – grego e hebraico – para que houvesse uma melhor interpretação e conhecimento do Evangelho, aprender uma língua significa também conhecer as diversas formas como ela se relaciona e produz realidade. Como Lutero mesmo afirma em relação ao

<sup>59</sup> LUTERO, Martinho. Do Cativoiro Babilônico da Igreja. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas: o programa da Reforma – Escritos de 1520*. v. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Editora da ULBRA, 2016. p. 365.

<sup>60</sup> SIEGWALT, Gérard. Le protestantisme et la liturgie dominicale: Questions critiques. *Positions luthériennes*, Paris, v. 1, p. 69-81, 1990. p. 72. MARASCHIN, Jaci C. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo: ASTE, 2010. p. 28. Adam em artigo sobre “culto e aconselhamento pastoral” destaca o mesmo em relação à Palavra no culto, no entanto, ele aponta avanço e recuperação no significado da Palavra, da Ceia e da poimênica no âmbito do culto cristão. ADAM, Júlio César. Culto e Aconselhamento Pastoral. *Tear: liturgia em revista*, São Leopoldo, n. 23, p. 3-14, ago. 2007. p. 5.

<sup>61</sup> WILLAIME, Jean-Paul. *La précarité protestante: Sociologie du protestantisme contemporain*. Genève: Labor et Fides, 1992. p. 101.

estudo das línguas, aqui incluindo o alemão e o latim: “Sim, se o desprezarmos – Deus nos guarde disso! – a ponto de esquecermos as línguas, não perderemos apenas o Evangelho, mas chegaremos ao ponto de não mais falarmos ou escrevermos direito nem o latim nem o alemão”.<sup>62</sup> Nesse sentido, quando usamos o conceito de p(P)alavra ou linguagem temos em mente a expressão individual e responsável do ser através de uma forma linguística e entendemos que a linguagem é uma forma de conhecimento e relacionamento entre o eu e o outro, através do qual se produz uma “comunhão pessoal” com o outro.<sup>63</sup>

A principal utilização da palavra e da linguagem se dá no contexto celebrativo do culto, principalmente na prédica, bem como sob outras formas verbais, como na oração, na leitura das Escrituras, no testemunho, no canto, etc. Com isso, não negamos o fato de que a linguagem perpassa toda a comunicação do culto, com bem descreveu Josuttis no seu artigo *A comunicação no culto*<sup>64</sup>. Como a prédica é um tipo de enunciado comunicativo que transcende o âmbito teológico, pode-se defini-la sob outras perspectivas. Optamos pela análise sociológica e teológica.

Desde a perspectiva sociológica, Jean-Paul Willaime afirma que a prédica possui principalmente três características que se refletem nas suas condições de enunciação: (1) ela é um discurso pronunciado dentro de um conjunto ritual/cultural, (2) ela evidencia a pessoa locutora que é a agente de uma instituição religiosa, e (3) a audiência é em grande medida pertencente à assembleia paroquial.<sup>65</sup> Analisar a pregação implica considerá-la como um discurso que possui, portanto, três características principais: ela é um discurso *institucional, comunitário e ritual*.<sup>66</sup>

<sup>62</sup> LUTERO, Martinho. Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs – 1524. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*: Ética. v. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. p. 312.

<sup>63</sup> “[...] personale Gemeinschaft [...]” ØSTERGAARD-NIELSEN, Harald. *Scriptura sacra et viva vox: Eine Luthers-studie*. München: Chr. Kaiser Verlag, 1957. p. 57.

<sup>64</sup> JOSUTTIS, Manfred. A comunicação no culto. In: JOSUTTIS, Manfred. *Prática do evangelho entre política e religião: problemas básicos da teologia prática*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1982. p. 174-198.

<sup>65</sup> WILLAIME, 1992, p. 98.

<sup>66</sup> WILLAIME, 1992, p. 98.

Teologicamente a prédica é uma “peça oratória, discursiva no contexto celebrativo da comunidade de fé”,<sup>67</sup> e tem a liturgia como seu contexto específico. No entanto, por vezes, ela também é compreendida num sentido mais amplo, como discurso que acontece nas atividades dos grupos comunitários (crianças, jovens, homens, mulheres, etc.), em programas de rádio ou TV, nos ofícios casuais (Batismo, matrimônio, sepultamento, etc.), na poimênica, no ensino religioso confessional, etc.<sup>68</sup> Por outro lado, a *prédica* é uma dessas formas sob as quais acontece a *pregação da Palavra de Deus*.

A pregação e a Escritura estão em mútua relação no interior da liturgia. Entre os vários escritos que abordam a pregação e a prédica bem como a interpretação e a hermenêutica bíblica da Palavra de Deus há uma relação entre ambas – prédica e Palavra de Deus/linguagem. Em grande medida, podemos compreender que há correspondência entre os significados de linguagem e Palavra de Deus. Em geral, essa correspondência se dá pela forma como Lutero compreendeu o significado de Palavra de Deus. Para ele, não se trata somente da palavra escrita, mas é aquilo que promove a Cristo. Desta forma, a primazia da Palavra de Deus está fundamentada no fato que a Escritura é pregada e comunicada de forma oral a todas as pessoas, pois o Espírito Santo age onde e quando lhe apraz naqueles e naquelas que ouvem o Evangelho, conforme o artigo V da Confissão de Augsburgo.<sup>69</sup>

Portanto, palavra ou Palavra de Deus possui, a partir do macro e micro contexto da pesquisa, a conotação de linguagem. Quando os reformadores fazem referência à palavra ou Palavra de Deus, estão falando sobre linguagem, mais precisamente se referem à linguagem humana e/ou divina dentro do seu contexto comunicativo. Dessa forma, a prédica e a linguagem também se encontram em um novo limiar que abrange a

<sup>67</sup> RAMOS, Luiz Carlos. *A pregação na idade mídia: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012. p. 29.

<sup>68</sup> KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. 6. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2012. p. 16.

<sup>69</sup> ARTIGO V. Confissão de Augsburgo. In: LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana. 4. ed. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 31.

comunicação. Não basta somente compreender o texto bíblico ou mesmo saber utilizar os recursos linguísticos, a prédica precisa ser enunciada, anunciada e comunicada. Nesse sentido, Ebeling está em conexão com Bakhtin quando afirma o seguinte sobre a relação entre palavra e linguagem desde o contexto teológico:

Com o conceito ‘palavra’ (*Wort*) nós não entendemos agora cada um dos vocábulos, ou seja, o que em alemão se expressa com o plural especial *Wörter*, palavras. Cada palavra solta como átomo linguístico é uma abstração frente à forma originária na qual a palavra se encontra. Por ‘palavra’ (*Wort*) entendemos propriamente um todo significativo. O mesmo se pode dizer de um discurso: foi uma palavra muito oportuna e bem dita. Esta explicação nos leva em seguida a darmos um passo a mais. É também uma abstração considerar a palavra somente em sua forma significativa. Entre as muitas palavras escritas e impressas não devemos nos esquecer que a essência da palavra se dá somente quando ela se expressa, ou seja, a palavra se completa enquanto palavra oral. Por isso, o modelo básico do fenômeno da palavra não seria a expressão na qual se poderia prescindir da situação do falante. Melhor seria caracterizar o fenômeno da palavra como comunicação. Porque a palavra tem lugar entre dois *partnern*, faz possível a participação, cria comunicação. É certo que não deixa de ter importância o que se comunica, a significação que transmite a palavra. Contudo, a mesma palavra pode mudar seu significado se é pronunciada em uma situação distinta, por pessoas distintas. Em todo caso, por isso, nossa compreensão usual de comunicação é muito reduzida para abarcar a totalidade do fenômeno da palavra. Nem de longe se compreende o que a palavra é capaz como comunicação, quando somente pensamos que é uma informação que aumenta nosso saber. O poder do fenômeno da palavra reside no fato de que ela é capaz de nos interpelar em nossa existência e nos mudar, enquanto que um comunica algo ao outro de sua própria existência, de seu querer, de seu amor e de sua esperança, de sua alegria e de seu sofrimento, mas também de sua dureza, de seu ódio, de sua maldade e precisamente assim faz partícipe ao outro.<sup>70</sup>

<sup>70</sup> “Con el término ‘palabra’ (*Wort*) no entendemos nosotros ahora cada uno de los vocablos, o sea lo que el alemán expresa con el plural especial *Wörter*, palabras. Cada palabra suelta como átomo lingüístico es una abstracción frente a la forma



A citação de Ebeling aponta precisamente o que se entende como Palavra de Deus, linguagem e comunicação e vai de encontro ao que Bakhtin também declara sobre a função da linguagem, incluindo sua enunciação e comunicação. Bakhtin, ao escrever sobre a linguagem e os gêneros discursivos, aponta para a mesma relação. De acordo com ele, as palavras podem ter significados isolados, bem como podem assumir conotações diferentes quando estiverem em contextos diferentes. O uso da linguagem, a partir dos diferentes gêneros discursivos, apresenta de uma forma polifônica, principalmente se o/a locutor/a faz bom uso dos gêneros discursivos. É por isso que a prédica, quando colocada sob a ótica da linguagem de Bakhtin, quer ser compreendida em seu conjunto, como enunciado e gênero discursivo.

Bakhtin, apoiando-se na questão dos gêneros discursivos que a linguagem produz ao ser comunicada, afirma que o importante é o fato de que as palavras somente são produtos significativos da linguagem. Para ele, o ser humano produz formas estáveis de gêneros discursivos que são determinadas pelo contexto no qual se dá a comunicação, pela escolha do

---

originaria en que la palabra se encuentra. Por ‘palabra’ (*Wort*) entendemos propiamente un todo significativo. Lo mismo que de un discurso podemos decir: fue una palabra muy oportuna y bien dicha. Esta explicación nos lleva en seguida a dar un paso más. Es también una abstracción el considerar la palabra solamente en su forma significativa. Entre los montones de palabras escritas e impresas no debemos olvidar que la esencia de la palabra se da solo cuando se expresa, es decir, en cuanto palabra oral, palabra que se realiza. Por eso el modelo básico del fenómeno de la palabra no sería la expresión en la que se podría prescindir de la situación del hablante. Más bien habría que caracterizar el fenómeno de la palabra como comunicación. Porque la palabra tiene lugar entre dos *partnern*, hace posible la participación, crea comunicación. Es cierto que no deja de tener importancia lo que se comunica, la significación que transmite la palabra. Pero la misma palabra puede cambiar su significado si es pronunciada en una situación distinta por personas distintas. Por eso, en todo caso, nuestra comprensión usual de comunicación es muy reducida para abarcar la totalidad del fenómeno de la palabra. No se comprende ni de lejos lo que la palabra es capaz como comunicación cuando pensamos solamente en que es una información que aumenta nuestro saber. El poder del fenómeno de la palabra está en que es capaz de interpelarnos en nuestra existencia y cambiarnos, en cuanto que uno comunica al otro algo de su propia existencia, de su querer, de su amor y de su esperanza, de su alegría y de su sufrimiento, pero también de su dureza, de su odio, de su vileza, de su maldad y precisamente así hace partícipe al otro.” EBELING, Gerhard. *La esencia de la fe cristiana*. Madrid: Ediciones Marova; Barcelona: Editorial Fontanella, 1974. p. 217-218.

tema, pela situação concreta da comunicação discursiva, pelo conjunto de pessoas que participam da comunicação, etc. Dado o contexto da pregação, faz-se necessário escolher um gênero discursivo para conduzi-la, sem o qual seria impossível realizar a comunicação.<sup>71</sup>

Por fim, a importância da pregação para o protestantismo tanto europeu quanto latino-americano se dá em virtude desse grupo estar centrado e ser orientado pela “Palavra de Deus”. A partir da Escritura criam-se novos enunciados linguísticos que são: (a) a viva voz de Deus e (b) a proclamação do Evangelho (tarefa primeira da teologia realizada através da linguagem).<sup>72</sup> Essas características opõem fortemente o protestantismo ao catolicismo, que é orientado de maneira mais profunda através do rito, sobretudo a eucaristia.<sup>73</sup>

No âmbito protestante, a centralidade na palavra, ou seja, na linguagem e sua comunicação, não é imune aos desafios no que se refere ao discurso e à linguagem religiosa, independentemente do âmbito no qual ela é empregada, seja na catequese, na pregação, na missão, etc. Por isso, Ebeling afirma o seguinte: “É [...] infelizmente verdade que a proclamação cristã se tornou, em grande medida, uma linguagem de gueto. Observando superficialmente, para ter certeza, ela não foi por nenhum meio expulsa da vida pública, mas de fato ela assumiu o caráter de uma linguagem de grupo para uso privado.”<sup>74</sup> Quem sabe este já seja um sintoma que a linguagem na pregação da Palavra de Deus em outros momentos já apresentou dificuldades na sua enunciação e comunicação.

<sup>71</sup> BAKHTIN, 2015b, p. 284-285. (Grifo do autor).

<sup>72</sup> BIELFELDT, 2002, p. 195; 199.

<sup>73</sup> RIVERA, 2010, p. 139. WILLAIME, Jean-Paul. Prédica, culto protestante e mutações contemporâneas do religioso. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, ano 16, n. 23, p. 41-55, 2002. WILLAIME, Jean-Paul. Do problema da autoridade nas igrejas protestantes pluralistas. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, ano 18, v. 27, p. 14-25, 2004. WILLAIME, Jean-Paul. O pastor protestante como tipo específico de clérigo. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, ano 17, n. 25, p. 119-157, 2003.

<sup>74</sup> “It is [...] unfortunately true that Christian proclamation has largely become a ghetto language. Seen superficially, to be sure, it has not by any means been driven out of public life; but in actual fact it has assumed the character of a group language for private use.” EBELING, 1967, p. 34. (Tradução nossa).

### Considerações (*quase*) finais

A teologia prática, enquanto disciplina, lida com fenômenos que acontecem na fronteira entre várias ciências. Ao estar à margem e lidando com fenômenos que são estudados por outras ciências, a teologia procura o diálogo. Esse diálogo pode ser fácil ou complicado e pode apresentar resultados. Contudo, por se tratar de uma ciência que tem no ser humano e no mundo sociocultural sua base, vários questionamentos, sejam de ordem ética, social, filosófica ou mesmo religiosa, não podem ser finalizados dentro de um sistema imutável, antes precisam estar em mútua relação com as outras áreas do saber.

Como a teologia prática lida com diversas questões, ela pode e deve estar voltada não somente a si mesma, mas fazer a ponte entre os diversos sujeitos que se comunicam. Como a prédica, que aborda desde vida e morte, ressurreição e esperança, questões cotidianas, pontos de vista sobre a relação humana e mundo, até a dimensão escatológica que abarca presente, passado e futuro, ou seja, um vasto campo da comunicação cultural.

Não se trata de fazer da teologia prática uma ciência que tem em sua epistemologia somente uma ação interdisciplinar, pois isso implicaria manter margens, e de certa forma continuar a construir barreiras. Com isto em vista, a margem ou a marginalidade da teologia prática é ser ciência que se ocupa do diálogo trans- ou metateológico entre os vários campos que se relacionam com ela e vice-versa. Descortinar, na marginalidade, as várias máscaras da teologia é tarefa da teologia prática, no sentido que ela se ocupa com a práxis discursiva da igreja, seja através de um processo institucionalizado que se dá a partir do estudo homilético ou através da prática comunitária da pregação e da prédica nas comunidades de fé e nos espaços públicos. Desta forma, quisemos evidenciar e apreender que as diferentes vozes que compõem a sinfonia homilética a transformam em *viva voz e comunicação do Evangelho*.

### Referências

ADAM, Júlio César. Culto e Aconselhamento Pastoral. *Tear*: liturgia em revista, São Leopoldo, n. 23, p. 3-14, ago. 2007.

- \_\_\_\_\_. Liturgia e performance-entre representação e comunicação: um breve relatório. *Tear Online: liturgia em revista*, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 3-9, 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/866/819>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- \_\_\_\_\_. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 53, n. 1, p. 160-175, 2013b.
- ARTIGO V. Confissão de Augsburgo. In: LIVRO DE CONCÓRDIA: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana. 4. ed. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail M. O discurso no Romance. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998a.
- \_\_\_\_\_. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015a.
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015b.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BARBOSA DE BRITO, Nayara Macedo. Língua em Performance. *Repertório*, Salvador, n. 21, p. 97-104, 2013. p. 99. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/viewFile/12090/8633>. Acesso em: 29 de. 2018.
- BAYER, Oswald. Reliable word: Luther's Understanding of God, Humanity and the World. In: HASSELHOFF, Gorge K.; STÜNKEL, Knut Martin (Eds.). *Transcending words: The Language of religious contact between Buddhists, Christians, Jews, and Muslims in premodern times*. Bochum: Dieter Winkler, 2015.
- BERTRAND, Michel. La communication, une histoire sans parole? *Études théologiques et religieuses*, Montpellier, v. 88, n. 1, p. 1-14, 2013. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-etudes-theologiques-et-religieuses-2013-1-page-1.htm>. Acesso em: 11 abril 2017.
- BEZERRA, Paulo. Posfácio: no limiar de várias ciências. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

- BIELFELDT, Dennis. Luther on Language. *Lutheran Quarterly*, Baltimore, v. 16, p. 195-220, 2002.
- BOER, Roland (Ed.). *Bakhtin and genre theory in biblical studies*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.
- DE MELO, Andréa Pereira; DE CASTRO, Clovis Pinto; RAMOS, Luiz Carlos; CUNHA, Magali do Nascimento. Teologia prática e linguagem: por uma análise do discurso evangélico no Brasil contemporâneo. *Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 9, n. 2, p. 101-117, 2004. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/viewFile/1382/1392>. Acesso em: 07 jan. 2019.
- DOS SANTOS COSTA, Pe Dr Valeriano. A homilia em sua dimensão simbólico-sacramental: na busca ainda de acertar 40 anos depois da *Sacrosanctum Concilium*. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 41, p. 31-46, 2002.
- EBELING, Gerhard. *God and word*. Philadelphia: Fortress Press, 1967.
- \_\_\_\_\_. *La esencia de la fe cristiana*. Madrid: Ediciones Marova; Barcelona: Editorial Fontanella, 1974.
- GREEN, Barbara. *Mikhail Bakhtin and biblical scholarship: an introduction*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2000.
- HERTZSCH, Klaus-Peter. A prédica no culto. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michael; BIERITZ, Karl-Heinrich (Eds.). *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. v. 4. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2016. p. 92.
- HOCH, Lothar Carlos. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998.
- JOIN-LAMBERT, Arnaud. Du sermon à l'homélie: Nouvelles questions théologiques et pastorales. *Nouvelle revue théologique*, Bruxelas, v. 126, n. 1, p. 68-85, 2004.
- JOSUTTIS, Manfred. A comunicação no culto. In: JOSUTTIS, Manfred. *Prática do evangelho entre política e religião: problemas básicos da teologia prática*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1982.
- \_\_\_\_\_. O pregador na pregação. In: JOSUTTIS, Manfred. *Prática do evangelho entre política e religião: problemas básicos da teologia prática*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

- \_\_\_\_\_. Verkündigung als kommunikatives und kreatorisches Geschehen. In: JOSUTTIS, Manfred. *Rhetorik und Theologie in der Predigtarbeit: Homiletische Studien*. München: Kaiser, 1985.
- KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. 6. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2012.
- LUTERO, Martinho. Aos Conselhos de todas as Cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs – 1524. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas: Ética*. v. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.
- \_\_\_\_\_. Do Cativo Babilônico da Igreja. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas: o programa da Reforma – Escritos de 1520*. v. 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: ULBRA, 2016.
- MARASCHIN, Jaci C. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo: ASTE, 2010.
- MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Cinco mal-entendidos sobre a Teologia Prática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 204-226, 2016.
- NEWSOM, Carol A. Bakhtin, the Bible and Dialogic True. *The Journal of Religion*, Chicago, v. 76, n. 2, p. 290-306, 1996. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1204410>. Acesso em: 07 jan. 2019.
- NOVARINA, Valère. Diante da Palavra. In: NOVARINA, Valère. *Diante da Palavra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2009.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ØSTERGAARD-NIELSEN, Harald. *Scriptura sacra et viva vox: Eine Luthers-studie*. München: Chr. Kaiser Verlag, 1957.
- PLÜSS, David. Gottesdienst als authentische Inszenierung von Authentizität. *Tear Online: liturgia em revista*, São Leopoldo, v.3, n.1, p. 37-44, 2014. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/1674/2233>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- RAMOS, Luiz Carlos. *A pregação na idade média: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012.
- RICHARD, Pablo. Um novo espaço para a Palavra de Deus. *Concilium*, Petrópolis, n. 335, p. 202-212, 2010.
- RIVERA, Paulo Barrera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo na América Latina*. São Paulo: Olho d'Água, 2010.

- SCHILLEBEECKX, Edward. O problema hermenêutico da crise da linguagem da fé. *Concilium*, Petrópolis, n. 85, p. 555-568, 1973.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. Aspectos históricos e concepções contemporâneas da Teologia Prática. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: ASTE, 1998.
- SIEGWALT, Gérard. Le protestantisme et la liturgie dominicale: Questions critiques. *Positions luthériennes*, Paris, v. 1, p. 69-81, 1990.
- TODOROV, Tzvetan. Prefácio à edição francesa. In: BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015d.
- TORNOS, Andrés. Sintomas e causas da atual crise da linguagem religiosa. *Concilium*, Petrópolis, n. 85, p. 533-542, 1973.
- WESTHELLE, Vítor. Communication and the Transgression of Language in Martin Luther. *Lutheran Quarterly*, Baltimore, v. 17, p. 1-27, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O evento igreja: chamado e desafio a uma igreja protestante*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2017.
- \_\_\_\_\_. Uma fé em busca de linguagem: o sedicioso charme da teologia na IECLB. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 68-82, 1992.
- WILLAIME, Jean-Paul. Do problema da autoridade nas igrejas protestantes pluralistas. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, ano 18, v. 27, p. 14-25, 2004.
- \_\_\_\_\_. *La précarité protestante: Sociologie du protestantisme contemporain*. Genève: Labor et Fides, 1992.
- \_\_\_\_\_. O pastor protestante como tipo específico de clérigo. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, ano 17, n. 25, p. 119-157, 2003.
- \_\_\_\_\_. Prédica, culto protestante e mutações contemporâneas do religioso. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, ano 16, n. 23, p. 41-55, 2002.

Submetido em: 06/07/2021

Aceito em: 19/11/2021